



4494 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Cartografias das experiências de pessoas trans com os territórios da Educação em Biologia  
Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

### Cartografias das experiências de pessoas *trans* com os territórios da Educação em Biologia

#### Resumo:

O presente trabalho se desdobra de uma prática investigativa de doutorado em que nos dispusemos a cartografar os agenciamentos do encontro *Experiências de pessoas trans - Ensino de Biologia* observando as possíveis ressonâncias que essa aliança pode produzir na/com Educação em Biologia. Nesse texto, temos como propósito compartilhar e discutir as *carto-grafias* que foram sendo produzidas, nos territórios da educação em Biologia, com os movimentos de criação e experimentação das pessoas *trans*. O investimento que realizamos para a produção do campo cartográfico foi o diálogo-entrevista com dez colaboradores/as. Ao operar os encontros, buscamos fazer aparecer pequenas rupturas aos pressupostos e modos de capturas disparados pelos territórios da Educação em Biologia, demonstrando como o agenciamento “experiências de pessoas *trans*” e “ensino de Biologia” aciona “outras” biologias dentro dos territórios concretos, sedimentados de normas. Os territórios da educação em biologia *ora* agencia regulações e ordenações de corpos, gêneros e sexualidades e *ora* escapes e percursos inusitados.

**Palavras-chave:** Cartografias; Educação em Biologia; Experiências de pessoas *trans*.

#### Tecendo os contornos iniciais

O presente trabalho se desdobra de uma prática investigativa de doutorado em que nos dispusemos a cartografar os agenciamentos do encontro *Experiências de pessoas trans - Ensino de Biologia* observando as possíveis ressonâncias que essa aliança pode produzir na/com Educação em Biologia. Utilizamos aqui “*experiências de pessoas trans*” para não fazer referência direta a uma denominação médica/patológica e por não referenciar um arranjo unívoco entre as muitas possibilidades relacionadas aos deslocamentos de gênero. Reafirmamos uma polifonia das pluralidades de experiências possíveis com/nos corpos, gêneros, sexualidades e desejos. (BENTO, 2006).

A investigação se fez em movimento, experimentando e explorando os territórios da educação em Biologia em meio às vivências de pesquisador e de docente com o corpo, o gênero e a sexualidade, provocando e ressoando o/no pensar os funcionamentos daqueles na organização, constituição e robustez epistemológica da Educação em Biologia. (RANNIERY; LEMOS, 2018).

Debruçamos-nos num pensar corpos, gêneros e sexualidades em meio às existências de pessoas *trans* numa tentativa de provocar deslocamentos de olhares daquilo que sempre foi considerado como central, nuclear, essencial para se entender o funcionamento da Biologia, para aquilo que vem sendo descrito como marginal, menor, patológico, anormal e fronteiro, ou seja, considerado como um ‘inimigo’ nas margens de sentido, e, que retomamos como potencialidades experienciais na produção de processos de insurgências de modos outros de existência nos territórios da educação em Biologia. (ALBUQUERQUE-JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA-FILHO, 2011). As problemáticas esboçadas e que ganharam potência foram: O que pode as experiências de pessoas *trans* nos territórios da educação em Biologia? Que corpos, gêneros e sexualidades podem brotar em meio a esta experimentação/composição com “*experiências de pessoas trans - ensino de Biologia*”?

Nesse texto, temos como propósito compartilhar e discutir as *carto-grafias* que foram sendo produzidas, nos territórios da educação em Biologia, com os movimentos de criação do encontro “*experiências de pessoas trans - ensino de Biologia*”.

#### A fabricação da pesquisa: a cartografia

Os encontros engendrados no curso da investigação foram produtores de inquietações, fricções e desmontes da estabilidade dos contornos e significados de corpo, gênero e sexualidade dos arranjos da educação em Biologia, bem como de instabilidades e provisoriiedades de nossos corpos para além dos limites orgânicos.

Nesse movimento fomos dando conta de que a educação em Biologia pode ser potente e plural, pode construir sinalizações e possibilidades de pensar outros arranjos nas linguagens dominantes, para assim ampliar os espaços de fissuras e inconstâncias de corpos, gêneros e sexualidades.

Diante de tal contexto nos aproximamos de um território fértil com horizontes possíveis de uma perspectiva metodológica que privilegia um resgate do plano da sensibilidade, do plano expressivo da produção de sentidos, das experimentações vividas e que potencializa afetos e brechas, ou seja, um modo de pesquisar que “[...] se realiza como uma viagem por outros universos de significação que convoca um novo olhar sobre as paisagens, estabelecendo uma nova interface com o mundo e com os sujeitos”. (MAIRESSE, 2003, p. 260).

Desse modo, foi a perspectiva cartográfica que potencializou instrumentos para pensar novas políticas dos corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, bem como novas estratégias de resistências no cenário do século XXI, potencializando olhares oblíquos sobre corpos, gêneros e sexualidades. (DINIS, 2008). A escolha da cartografia aconteceu a partir da possibilidade de pensar a produção de uma investigação que evocasse a implicação do pesquisador no campo

e a sensibilidade de ouvir histórias e vivências que pudessem expor movimentos de deslocamentos naquilo que está constituído, organizado e naturalizado como corpos, gêneros e sexualidades no campo da Educação em Biologia.

A cartografia compõe um ensaio de uma forma de se fazer pesquisa que opera a partir de um fora na produção de mapas, sempre abertos, de relações de forças, mapas de densidade e mapas de intensidade. Ela é marcada como um modo de desenhar diagramas, traçando e acompanhando movimentos de poder, jogos de verdade, a composição de dispositivos, linhas de força e enfrentamentos. O ato de cartografar se presta ao enfrentamento dos dispositivos, no desemaranhar suas linhas, produzindo rupturas e resistências em seus modos de operação. (PRADO-FILHO; TETI, 2013). Nesse sentido, "desenredar as linhas de um dispositivo [...] é um construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas [...] É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas [...]". (DELEUZE, 1996, p. 84).

No fazer cartográfico ficamos atentos e acompanhamos, por um lado, linhas que compõem e atravessam as experiências das pessoas *trans* - a linha da experiência do corpo, a linha da experiência do gênero e a linha da experiência da sexualidade. Linhas que apostamos na possibilidade de vazamentos e que poderiam dizer outras coisas sobre corpo, gênero e sexualidade. Por outro lado, tomamos da educação em Biologia - linhas das forças e das formas ou do poder/potência do corpo, do gênero e da sexualidade, linhas dos dispositivos da sexualidade, do gênero e da transexualidade.

Ocupamos de um lado do mapeamento das linhas do que se pensa e do que se ocupa com o corpo, gênero e sexualidade na educação em Biologia, do que dizem 'ser' as experiências das pessoas *trans* e, de outro, as linhas de fuga que tais experiências podem provocar na educação em Biologia.

O desenho cartográfico foi se configurando aos poucos, nas tantas vezes que discutimos a educação em Biologia, participações em eventos, rodas de conversas, nas reuniões do Grupo de Pesquisa, durante as leituras teóricas que serviram de um plano de consistência sobre o qual deslizamos, quando encontramos com as pessoas *trans*, escutando e dialogando com professores/as de Biologia da Educação Básica e do Ensino Superior, sempre atentos aos encontros e aberto aos devires, um processo de construção coletivo, localizado e implicado.

Tecemos encontros com pessoas que circula(r)am no Ensino de Biologia seja na Educação Básica ou na formação docente em Ciências Biológicas. Nesse movimento fui encontrando alunxs e professoras que se auto-identificam como *trans* com ou em formação em Ciências Biológicas em que foram compondo o campo da pesquisa.

Na Educação Básica, o componente de aproximação dos/as colaboradores/as docentes não *trans* foi que o/a professor/a de Biologia tivesse trabalha(n)do com alunos/as que se auto-identificavam como *trans* e, nesse movimento, houve a lembrança e a indicação de uma aluna que tinha passado pelo Ensino Médio já com a auto-identificação como pessoa *trans* e, que passou também a compor o campo da pesquisa.

No Ensino Superior, a composição com os/as docentes não *trans* - se deu por professores/as da área da genética, da endocrinologia e da neuro-anatomia que atuaram ou atuam na formação docente em Ciências Biológicas. O principal componente da escolha de tais áreas foi por constituírem na produção de um mapa, muitas vezes duro, de contorno do entendimento e conceituação das experiências de pessoas *trans*.

Os traçados de docentes no Ensino Superior, de professores/as e futuros professorxs que se auto-identificam como *trans* com formação em Ciências Biológicas, não haviam sido pensados inicialmente na pesquisa. As indicações de onde encontrá-los/as ocorreram durante minha inserção nas produções científicas e outras foram em reuniões de grupo de pesquisa. Desse modo, a configuração do campo da pesquisa foi marcada com professores/as (*trans* e não *trans*) e alunas *trans* da Educação Básica e do Ensino Superior em Ciências Biológicas.

Na Educação Básica a composição se deu com: quatro professoras de Biologia, sendo duas da rede pública estadual mineira e duas professoras *trans* - uma do interior de Goiás e outra no momento da pesquisa residia no Paraná; e, uma aluna *trans* - interior de Minas Gerais.

No Ensino Superior circulamos nas Ciências Biológicas com quatro professores/as<sup>[1]</sup> e uma aluna *trans*. Dois professores que atuam na área de Ciências Biomédicas, um professor na área de Genética e Bioquímica e uma professora que se auto-identifica como professora XY da área de Educação Científica e Educação em Saúde. A aluna *trans* no momento de realização da pesquisa (1º-2017) estava finalizando os cursos de licenciatura/bacharelado em Ciências Biológicas em uma universidade federal mineira.

O investimento que realizamos para a produção do campo cartográfico que auxiliasse na análise dos agenciamentos do encontro *Ensino de Biologia-experiências de pessoas trans* e por assim ser, possibilidades de fissuras na educação em Biologia, foi o diálogo-entrevista com esses/as dez colaboradores/as.

Fizemos o uso do diálogo-entrevista (DELEUZE; PARNET, 1998). Nesse sentido, a entrevista foi o investimento em diálogo, uma conversa em que estivemos atentos as multiplicidades de linhas que compõem os percursos de desterritorializações, as passagens e aos traçados das linhas de fuga em cada diálogo. Fomos acompanhando e intervindo no movimento de passagem de saberes preestabelecidos para a abertura ao plano coletivo de forças, catalisando indeterminações e potência de criação de mim, do outro, do encontro e da escrita. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014).

Os diálogo-entrevistas foram realizados no período de agosto de 2016 a setembro de 2017. As ferramentas elaboradas e acionadas ao longo da pesquisa (imagens, trechos de pesquisas científicas, conteúdos de livros didáticos de biologia, vídeos) constituíram num fio condutor para a conversa. Afastamos de questões diretas e preestabelecidas. Durante os encontros, buscamos problematizar questões pertinentes às compreensões das experiências de pessoas *trans*; às experiências conjugadas ao espaço escolar e a educação em Biologia; vivências na/com experiências e ressonâncias desses afetos no campo da educação em Biologia. Os diálogos-entrevistas foram áudio-gravados e transcritos na íntegra

com as devidas autorizações dos/as colaboradores/as.

Fomos embarcando no diálogo, deixando-nos afetar por tudo o que ali estava ocorrendo, percorrendo com os/as colaboradores/as; as diferentes linhas que estavam sendo traçadas. Ficamos atentos aos processos e produção de des-territorializações e re-territorializações que aconteciam; aos trechos de pesquisa, imagens e vídeo que poderiam mobilizá-los/as, afetá-los/as e tornarem o diálogo contínuo em descontínuo.

Em alguns diálogos, na medida do traçado das linhas, fomos disparando outros agenciamentos avivados com imagem, vídeo, trechos de entrevistas[2], trechos de pesquisas científicas, que comportavam potência de variações ou rupturas de sentido. Algumas colaboradoras *trans* indicaram-me um documentário e vídeos em que elas produziram ou participaram, bem como texto acadêmico de sua autoria para que pudessem tecer na/com a composição cartográfica. Cada encontro foi diferente, produzindo traçados singulares.

A análise se deu de modo processual e inerente a todos os procedimentos da pesquisa, “[...] em cartografia, não há como separar a análise das demais fases da pesquisa. Ela não é uma etapa a ser realizada apenas ao final do processo, na qual o material de campo poderia ser, enfim, compreendido [...] em cartografia não há uma separação entre as fases de coleta e análise”. (BARROS; BARROS, 2014, p. 182).

Gilles Deleuze (2013) em uma entrevista sobre *Mil Platôs* aponta algumas pistas no processo de análise cartográfica, “numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos [...] análise das linhas, dos espaços, dos devires”. (p. 48). Com isso indica um procedimento de análise no qual o campo cartográfico aparece em composição de linhas. Nesse sentido, percorremos “[...] os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias geopolíticas”. (PRADO-FILHO; TETI, 2013, p. 53).

A perspectiva de análise caminhou na busca das linhas e territórios que se formaram no encontro *Ensino de Biologia - experiências de pessoas trans*, do coletivo de forças de resistências e de criação, mas também das forças de captura.

### **Corpos, gêneros e sexualidades criando (des)territórios na Educação em Biologia**

No contexto de produção e funcionamento da proposição investigativa fomos tomando o campo da biologia escolar para além da técnica do ensino, como um fluxo de formas e forças. Com isso, temos pensado à educação em biologia como um “[...] território político, ético e estético incontrolável que, se é usada para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos com [...] trajetórias grávidas de esperança [...]”. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14).

A partir de Deleuze (2013) podemos ampliar a perspectiva da educação em Biologia como um território espacial subjetivo que tem a sua geografia, sua cartografia e seu diagrama de forças, constituído por linhas de diferentes naturezas, ritmos e direções.

Diante da complexa configuração territorial das práticas educativas e formativas, dos conhecimentos e valores em disputas na Educação em Ciências e Biologia (MARANDINO *et al*, 2005), vetorizamos olhares aos dispositivos[3] (corpo, gênero e sexualidade) constitutivos das paisagens que, historicamente, ocupam, disputam e produzem os campos curriculares da Educação escolar em Ciências e Biologia. Os ditos e vistos dos dispositivos ecoam e funcionam desde dentro na organização e constituição do jogo que está na ordem das coisas da educação em Biologia. (RANNIERY; LEMOS, 2018).

Destacamos como um dos ataques, atravessamentos, disputas e ameaças aos territórios da educação em biologia, no cenário político, as manobras do “Movimento Escola Sem Partido” (FRIGOTTO, 2017), em que “[...] grupos reacionários escolheram os currículos e as escolas para controlar de perto e impedir que [...] gêneros e sexualidades sejam trabalhados, discutidos, problematizados” (PARAÍSO, CALDEIRA, 2018, p. 14), desdobrando em ataques, perseguições, denúncias aos profissionais da educação, bem como a retirada da categoria gênero de alguns planos de educação de estados e municípios, e, recentemente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Manobras que são instaladas, mas não sem enfrentar resistências de um movimento de antídoto às prescrições de uma reação conservadora do pensamento único, conhecido como Movimento Escola Democrática e/ou Educação democrática que tem fomentado ações que se interessam pela educação e a defendem como direito público, singular e popular. (PENNA; QUEIROZ; FRIGOTTO, 2018).

Em aliança aos conceitos que potencializam a pensar a composição de territórios na/da educação em Biologia e ao propósito dessa investigação, consideramos o funcionamento da sexualidade[4], do gênero[5] e da transexualidade[6] enquanto dispositivos que produzem (re)arranjos aos territórios na investitura em regulações e normatizações com centros de significância e subjetivação, bem como possíveis traçados de desterritorializações - índices de abertura, de devir e de potencialização de novas formas de vida com manobras e estratégias que compõem novas paisagens.

Compreendemos que a Educação em Biologia é constitutiva de formas, forças, afetos e desejos que colocam em relevo momentos de durezas, repetições, fraturas, criações, falhas, fracassos, exatidão, deslizamentos, certezas, deslocamentos, capturas, torções e fugas, nos convidando a pensar, na perspectiva de Gallo (2017), em seu uso *maior* e *menor*.

Silvio Gallo (2017) aponta que a educação pensada numa perspectiva *maior* é aquela concebida “[...] nos dispositivos legais, nas políticas públicas, nos projetos político-pedagógicos, como ações normativas e normalizadoras, planejadas como ações universais para todos [...]” (p. 42), e, uma educação *menor* apresenta um processo educativo comprometido com a singularização, “[...] dando vazão a fluxos de desejo que não se conformam a um conjunto de normas estabelecidas, que não podem ser generalizados, podem apenas ser vividos como acontecimentos singulares”. (p. 42). Nessa seara realizamos um deslocamento conceitual com a noção de educação *maior* e educação *menor*, como dispositivo para pensarmos a Educação em Biologia no diálogo com corpos, gêneros e sexualidades.

Os ditos e vistos *maiores* de corpo, gênero e sexualidade na Educação em Biologia dispõem de elementos que ensinam sobre os corpos, gêneros e sexualidades a partir de campos neutros, não políticos, despartados dos processos de socialização e sedimentados na universidade do organismo bio-lógico. Um campo que amarra narrativas estáticas e com fronteiras fixas que adensam um plano de operação na definição do corpo por seus órgãos e suas funções. (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

A educação em Biologia *menor* está implicada num regime de *ex-periment(ações)*, oper(ações), afet(ações), lig(ações) entre superfícies, forças e energias, desfazendo uma totalidade orgânica que encerra subjetividades e experiências do sujeito. Uma máquina de resistência (GALLO, 2016) que arranca o lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, modificando-os “*n*” vezes, mergulha num campo de ligações e operações com um conjunto de fluxos que não intercepta especificamente às genitálias, fazendo percorrer não-linearidades, zonas de variações, conjunções com o campo biológico, social, histórico e... e...

Tal operação nos abriu espaço, para pensar uma biologia *menor* de afirmação dos corpos, gêneros e sexualidades. Abriu espaços para que a Educação em Biologia possa inventar-se, aprendendo modos singulares de corpos, gêneros e sexualidades, produzindo um funcionamento *menor* da biologia que esburaca a sua educação *maior*. Isso foi esboçando algumas inquietações: De que modo abrir espaços na biologia *maior*? Como abrir espaços para outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidades? Seria possível fazer alianças com o *menor*? A quem se aliar?

Encontro, então, pelas andanças nos territórios oficiais do ensino de Biologia, alguns ruídos a partir da presença do “outro”, sobretudo aos desobedientes de gênero e dissidentes sexuais, sinais de algo que se dá a partir do silenciamento, indizibilidade e invisibilidade... Ruídos e sinais que iam fugindo, vazando, escavando canais, esburacando, abrindo espaços-brechas, construindo abrigos e passagens que compunham travessias pelos territórios. Aqueles dispararam uma problemática aos territórios da Educação em Biologia, fazendo nascer um desejo de experimentar algo nessas fissuras e aberturas territoriais. Passamos então a agenciar o encontro “experiências de pessoas *trans* - ensino de Biologia” na intenção de procurar algum vazamento, produzir passagens e algo que escape do instituído da biologia *maior*.

Tensionamos a Educação em Biologia com a potência do sopro das experiências de pessoas *trans*, de modo a desfazer um pouco aquilo que presenciamos se repetir em ditos e vistos nas aulas de Biologia. Sustentamos um desejo de produzir buracos nos estratos que compõem os territórios da biologia *maior* que assediam um estar, um ser, um (é) do corpo, do gênero e da sexualidade e busca travar o movimento de uma biologia *menor*.

### **Carto-grafias dos territórios da educação em Biologia: das durezas aos esburacamentos**

No encontro com os/as colaboradores/as, impossível abandonar registros dos ditos e vistos *maiores* de corpo, gênero e sexualidade na Educação em Biologia, uma dureza da lógica binária e da oposição da diferença sexual aprisionadas num cárcere genético e fisiológico que captura, naturaliza e homogeneiza as experiências das pessoas *trans* dentro das narrativas e fronteiras da Ciência.

Uma dureza que fez as experiências serem roubadas e tomadas de assalto pelo significante. Experiências que foram ancoradas necessariamente ao sexo, à codificação (gen)italizante, à interioridade do biológico, tendendo a serem identificadas com a natureza, naturalizadas. Um apelo à natureza que fechou antecipadamente, em vários momentos, a possibilidade de fissuras e questionamentos e esburacamentos.

Numa vontade de saber, os territórios da educação em Biologia foram tomados por uma produção de “verdade” dada *a priori* nos genes, no cérebro, de modo que as experiências têm uma causalidade a partir dos complexos agenciamentos e ligações estritamente biológicas que se alastraram pelos territórios. Corpos ordenados e efetivamente classificáveis, em uma lógica binária que prescreve alternativas em dois pólos de correspondências *corretas* entre sexo biológico e gênero, cujo atrito causou constantes estranhamentos, surpresas, falas exaltadas e silêncios.

Os movimentos do/no diálogo-entrevista foram de linearidade dura que predominou nos/pelos territórios. Linhas confinadas no plano da representação do dimorfismo sexual que faz crer num caráter vitalício da genética, dos hormônios, da neuroanatomia, sem que jamais titubeiem seus contornos. Uma ditadura do mesmo.

Quando as experiências *trans* irromperam em cena, convulsionando o modelo estabelecido do gênero binário aos corpos mulheres-vagina e homens-pênis da educação em Biologia, pouco foi esboçado, em um movimento de composição de outros modos de existências para além do modelo que as amarraram em uma verdade profunda do sexo e da natureza humana.

Parecia que as experiências de pessoas *trans* não conseguiam encontrar canais para sua existencialização. Parecia que menos passagens se abriam para as experiências *trans* nos territórios da educação em Biologia. Parecia que tinham exaurido todas as forças das possibilidades *outras* de corpos, gêneros e sexualidades. Parecia que os espaçamentos e as brechas sempre estavam cobertos pelo significante. Parecia coagular estratégias, saídas e contornos às imposições normativas dos territórios.

A educação em Biologia parecia à morada da verdade, da essência, do significante, da bio-lógica. Territórios privilegiados com um solo fértil para toda espécie de determinismo. Era ensurdecador para outras possibilidades. Parecia não ser possível sabotar o sistema e bloquear essa produção. Ou colocá-lo contra a parede, não para invalidá-lo, mas para problematizá-lo. A batalha parecia perdida.

Foi recorrente a emergência das linhas que compõem um plano de organização que define um corpo por seus órgãos e funções e estende essa filiação para a correspondência de identificação entre gênero e sexualidade, estacando a organicidade e as funções biológicas num determinismo. Movimentos que acompanharam a reedição constante de uma

racionalidade de produção dos corpos e dos modos de vida, que sempre repunha o mesmo.

Viajantes flertaram, demoraram e alguns permaneceram nas essencializações genéticas, hormonais e neuroanatômicas, produzindo a centralidade de uma interioridade que os/as capacita a ter forma dentro de uma fôrma. Nessa composição, a potencialidade de espreitar o pensamento foi uma dureza, pois nesses territórios a educação em Biologia pouco perguntava, mas ensinava respostas.

Engordaram, operaram, funcionaram e tornaram os contornos mais rígidos dos dispositivos da sexualidade, do gênero e da transexualidade com a reposição de normatizações e regulações. A verdade do sexo, dito biológico, circulou tranquilamente nos territórios compondo relevos de anormalidade e normalidade.

O encontro *Ensino de Biologia-experiências de pessoas trans* fez emergir os usos colonizadores das explicações, estritamente, biológicas, com continuidades, (com)formações e repetições de uma organização estrutural/essencial orgânica. Uma codificação e estriamento das experiências de pessoas *trans*, portando-as com uma natureza interior. Sentimentos de sufocamento com os usos e as forças dos saberes já sabidos e consolidados nas explicações da educação em Biologia. Experiências das pessoas *trans* foram (i)mobilizadas como indesejada, ininteligível, fracassada, sem originalidade, recorrentemente incompletas e desencaixadas em um corpo errado e equivocado. Tuteladas como carência de algo.

Indicações de poucas frestas, aberturas e fissuras, uma vez que as explicações biológicas circulavam tranquilamente e rigorosamente nos territórios, raramente me apresentavam desconfianças sobre a Biologia sabida. Não foi fácil sair dos trilhos, nem elaborar linhas de fuga. Trilhos que foram criando para si um *corpo com órgãos*, cheio de órgãos, com organizações prévias, fixas, reguladas pela Biologia, Genética e atravessado por matérias formadas, numa tentativa de fazer coincidir as experiências de pessoas *trans* com determinados órgãos e com reações anatômicas.

Um caminhar que foi muito custoso, penoso e árduo, pois havia sentimentos constantes da impossibilidade, da indiferença, da exclusão, das amarras, do estreitamento do pensamento. Linhas produzidas para disciplinar os corpos, submetê-los a norma e dificultar seu trânsito. Esvaziando-os do seu potencial criativo. As desconfianças eram instaladas no encontro *Ensino de Biologia - experiências de pessoas trans*, pois ofereciam riscos aos esburacamentos nos extremos discursivos dos dispositivos que percorrem os territórios. Por isso, o deslocar e o mover do corpo (também das pessoas *trans*) foi tão difícil de ser mobilizado nos territórios.

No entanto, vieram tempestades que arrebetaram os territórios estabelecidos, arrancando-os de lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, modificando-os “n” vezes. Os encontros com as pessoas *trans* provocaram outras sinalização nos territórios, lançando timidamente as existências *trans* a um fora, a um (ex)terno, campo de (ex)perimentações, dando passagem e sinalizações para outras conexões, dando provas de outras interações, com os fios do fora, superfícies de contato, dobras, flexões, poros, fendas, fluxos, trocas, traçando-as sem fundação ou interioridade, singularidades que fazem tessituras pelos encontros. A cada parada, uma história, uma desterritorialização, vibrações de linhas latejando e atravessando territórios, sentidas, ouvidas... Eis os movimentos que seguem nos convidando a aproximar de uma educação menor em biologia.

A batalha não estava perdida, e, outros contornos territoriais começaram a se fazer, as vivências das pessoas *trans* foram sinalizadas como uma (ex)periência de gênero com aberturas para variações contínuas e contextuais que compõem os territórios com ares de possibilidades com o corpo, com os órgãos, com vidas que quebram estratos dos territórios que as aprisionam, bem como uma autoidentificação e não uma localidade ou um estado nos genes. Negações do primado e da antecedência dos genes e dos cromossomos na definição das experiências de pessoas *trans* provocam abalos e recrudescimentos nas explicações biológicas, dando passagem para que outras possibilidades sejam pensadas. As estabilizações de um modelo estrutural e mecanismos hormonais foram sendo tensionadas nos territórios.

Os tensionamentos, das categorias homem e mulher, sustentados pelos territórios da educação em Biologia criaram relevos. Eles provocam deslocamentos dessas categorias assentadas ou especulares aos genes, aos hormônios, aos caracteres sexuais secundários e as genitálias. Esboçaram movimentos de composição de outros modos de existências para além do modelo que as amarraram em uma verdade profunda do sexo e da natureza humana, cromossomicamente. Elementos da expectativa social do que é ser homem e ser mulher que estão em conexão na constituição das experiências de pessoas *trans* foram acionados, apontando que a ideia de aprisionamento em um corpo é um efeito das relações do campo social e não de uma prescrição ontológica anterior ou fora das relações. É no campo da prática que os corpos percebem ou são nomeados como “errados” e não nos efeitos de uma causa do ser. Aqui há vazamentos nos territórios da educação em Biologia, um sinal cultural e um deslocamento do ser (do corpo, do gênero e da sexualidade) como um fazer.

Outros furos foram se produzindo na concepção de gênero como uma essência genética, de um ser do gênero. Foi atualizado o gênero como um fazer, que se produz nas relações de reconhecimento na arena pública. Potencializaram nos territórios a passagem dos corpos, gêneros e sexualidades para além do significado de um *status* biológico, fazendo vazálos enquanto espaços de conhecimentos e valores que estão em disputas e negociações, sinalizando frestas para versões de Biologias.

As linhas afiguradas em conexões como elementos culturais, afetivos, sensitivos, sociais e contextuais permitem entre-espacos na educação em Biologia que inventam e disputam outras maneiras singulares de funcionar, provocando fissuras e abalos nas explicações, estritamente, biológicas que habi(li)tam os territórios. Os movimentos passaram a ser tecidos por fios de afetos, sensibilidades, encontros, conexões, dando um uso polifônico nos/dos territórios.

Nos territórios as sexualidades, os corpos e os gêneros também fluíram como um regime de ex-periment(ações), oper(ações), afet(ações), lig(ações) entre superfícies, forças e energias, desfazendo uma totalidade orgânica que encerra

subjetividades e experiências do sujeito. Eles são mergulhados num campo de ligações e operações com um conjunto de fluxos que não intercepta especificamente às genitálias, fazendo percorrer não-linearidades, zonas de variações, conjunções com o campo biológico, social, histórico e... e... Eles devêm singularizações, experimentações, criações, (des)fazendo formas, organismos, (des)potencializando forças num princípio rizomático. (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

As experiências de pessoas *trans* produziram buracos nos estratos que compõem os territórios da biologia *maior* que assediavam um estar, um ser, um (é) do corpo, do gênero e da sexualidade e busca travar o movimento de uma biologia *menor*. Elas abrem espaços para uma biologia *menor*, ou para um funcionamento *menor* da biologia, permitindo espaços para que se possa dizer, pensar, viver, sentir, experimentar, inventar corpos, gêneros e sexualidades outros, singulares, potencializadores de aberturas para invenções.

Os encontros “experiências de pessoas *trans* – ensino de Biologia” foram disparadores de saberes que constroem Biologias *outras* dentro dos territórios concretos que maquinam e operam, nos territórios da educação em Biologia, a prioridade da forma e a normalização dos corpos. Foi um abrir-se e inundar-se os territórios, fissurando e tensionando a Biologia a expandir seus corpos, sair das demarcações bio-lógicas usuais e fazer conexões outras com os gêneros e as sexualidades.

### Considerações finais

Ao operar esses encontros, buscamos fazer aparecer pequenas rupturas aos pressupostos e modos de capturas disparados pelos territórios da Educação em Biologia, demonstrando como o agenciamento “experiências de pessoas *trans*” e “ensino de Biologia” aciona “outras” biologias dentro dos territórios concretos, sedimentados de normas, onde tudo pode acontecer, onde há muitos acontecimentos que fazem coincidir com a vida, mas, muitas vezes, são silenciados. “Biologia(s)” invisibilizada(s) e que não aparece(m) nas diretrizes curriculares, nos textos pedagógicos, nos planos, projetos e propostas de ensino, nas aulas e nem nos livros didáticos dos currículos escolares de Ciências e Biologia. Com isso sinalizamos que a educação em Biologia *menor* se apresenta como outras biologias dentro do próprio campo normativo e prescritivo da educação em Biologia *maior*, agenciando a Educação em Biologia como um campo de disputas, negociações, político, ético e estético incontrolável que *ora* agencia regulações e ordenações de corpos, gêneros e sexualidades e *ora* fissuras e esburacamentos. Por tudo isso, tratamos o encontro (experiências de pessoas *trans* – ensino de Biologia) como um importante vetor de abertura e esburacamentos nos corpos, uma linha de fuga, que produz importantes desterritorializações de gêneros e sexualidades nos territórios da educação em Biologia.

### Referências

ALBUQUERQUE-JÚNIOR, D. M. de.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA-FILHO, A. de. Uma cartografia das margens. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. 2.edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 9-12.

BARROS, L. M. R. de.; BARROS, M. E. B. de. Pista da Análise – O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia** – a experiência da pesquisa e o plano comum, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 175-202.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Coleção Sexualidade, Gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja Passagens, 1996.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. 3.ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs, v.1**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs, v.3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34. 2012.

DELEUZE, G.; PARNET C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DINIS, N. F. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul./dez. 2008, p. 355-361.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola ‘sem’ Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

GALLO, S. **Deleuze & Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. Escola: entre a perversão e a transgressão. In: SARAIVA, K.; GUIZZO, B. S. (Orgs.). **Educação em um mundo em tensão**: insurgências, transgressões, sujeições. Canoas: Editora da ULBRA, 2017, p. 33-43.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Orgs.). **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 259-272.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A. C. R. de. (Orgs.). **Ensino de Biologia**: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005.

PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. Apresentação. In: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21.

PENNA, F.; QUEIROZ, F.; FRIGOTTO, G. **Educação democrática**: antídoto ao Escola Sem Partido. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

PRADO-FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, jan./jun. 2013, p. 45-59.

RANNIERY, T.; LEMOS, P. C. de. Gênero pode ser uma categoria útil para o ensino de Biologia? In: VILELA, M. L. *et al.* (Orgs.). **Aqui também tem currículo!** Saberes em diálogo no ensino de biologia. Curitiba: Editora Prismas. ISBN: 978-85-537-0044-8. 2018, p. 65-86.

SANTOS, M. F. L. **A construção do dispositivo da transexualidade:** saberes, tessituras e singularidades das experiências *trans*. 2010. 183f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V.. Pista da entrevista – A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia** – a experiência da pesquisa e o plano comum, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 92-128.

ZAGO, L. F. Dobrando e desdobrando o gênero: por uma política de humanidade dos corpos. In: SANTOS, L. H. S. dos. *et al* (Orgs.). **Formação de professores/as em um mundo em transformação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 229-244.

[1] Esses/as professores/as ministram ou já ministraram aulas em curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

[2] O diálogo com as duas professoras da Educação Básica ocorreu em dois momentos. O primeiro acesso ao campo da pesquisa foi o encontro com essas professoras. Estávamos iniciando a aprendizagem do manejo cartográfico do diálogo-entrevista, por isso retomamos com elas em um segundo momento. Nesse, retomamos aspectos do primeiro encontro com elas.

[3] Michel Foucault (1979) demarca o dispositivo enquanto “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos”. (p. 244).

[4] A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

[5] Segundo Zago (2014), a partir dos estudos butlerianos, o gênero atua como um dispositivo regulador que “[...] opera precisamente como sendo essa matriz que dá sentido/inteligibilidade aos corpos, operando a partir da divisão binária masculino/feminino como algo da ordem biológica e, portanto, supostamente localizada numa natureza orgânica. [...] ele trabalha na circunscrição de um campo de inteligibilidade dentro do qual os corpos terão sua humanidade viabilizada [...] isto é, [...] regula o campo de inteligibilidade que legitimará os corpos como adequadamente humanos”. (p. 229).

[6] Termo utilizado por Berenice Bento (2006) e Fátima Lima (2010) a partir do conceito de dispositivo da sexualidade de Michel Foucault. Nesse sentido, as/os autores/as apontam para as condições de emergência, a invenção, a criação e imposição de saberes que produzem as verdades sobre os corpos transexuais. Segundo Bento (2006) o dispositivo pode se entendido como “[...] o saber específico que define, classifica, normatiza, formula etiologias e nosologias e tem poder de decisão sobre as demandas dos/as transexuais que desejam realizar intervenções em seus corpos [...]”. (p. 21).